

A MORSA

CONTOS DE
INOCÊNCIA
E DE
VIOLÊNCIA



COMPANHIA DAS LETRAS

ANA
CLÁUDIA
SANTOS

Tenho passado grande parte do meu tempo livre reclinada no sofá, com o portátil sobre o ventre, a viajar no Google Street View. Há quem o faça para visitar este nosso pequeno mundo, cartografado inteiro na rede; soube de uma mulher que o fez durante anos por sofrer de agorafobia. Uns procuram artistas nas zonas do globo que elegeram para habitar (quem quiser pode ver o Godard a caminhar numa rua da Suíça ao som do tema principal de *Le Mépris*). Outros tentam encontrar familiares mortos em imagens capturadas anos antes do seu desaparecimento. Há ainda quem tenha feito arte com imagens de humanos imprevistos em confins ignorados, lugares inimagináveis, que é preciso ver para crer, sem que seja preciso estar lá para ver. Eu limito-me a percorrer as ruas da Cruz de Pau. A primeira vez que escrevi no motor de busca a morada da casa onde vivi, pasmei por me lembrar de tantos sítios: uma árvore torta numa elevação, uma fileira de vivendas na rua que vai dar à escola, a descida para o rio, a loja de noivas ao cimo da rua, renascida como bazar chinês. Ainda lá estão a rotunda e o túnel, o pequeno centro comercial com o cinema, o depósito da água. Ainda lá está a Casa Rosa, armazém de móveis e decoração onde

os meus pais foram adquirindo devagar o recheio da nossa casa.

Embalada pela visão a 360°, vagueio pelas ruas onde cresci. Vejo-as sob céus diferentes, azul-celeste ou cobalto, consoante a meteorologia da captura. Sigo em linha recta, e está uma luz sombria, mas basta-me girar à esquerda para o dia abrir. Se viro à direita, o sol é radioso e verifico que andei um ano para trás. Se alargo o enquadramento, os passantes redimensionam-se, transformando-se em figuras num esquisso de arquitecto. As setas com as coordenadas não se espalham em todas as direcções; não consigo ver bem o que se encontra ao fundo de um beco sem saída. No entanto, não me ocorre deslocar-me até lá para ver as ruas. A pé, nunca teria uma sensação tão veraz de as trespassar. De resto, não poderia reencontrar desse modo o tempo perdido. A pé, eu andava muito pouco; os meus pais levavam-me de carro para todo o lado, e para a escola tinha boleia. No sofá, a meu ritmo, vou protegida, sem obstáculos.

Espanta-me a desarmonia da paisagem. A memória obscureceu os verdadeiros contornos do lugar, e os meus olhos focam-se agora nas superfícies com uma atenção comparativa. Vejo o desarranjo territorial, a coexistência do novo-urbano com o semi-rural, as casinhas tristes entre os prédios como ervas daninhas, que nem todas as árvores e buxos dos parques públicos são capazes de embelezar. É possível que, com a maneira e a mão certas, uma infância numa cidade bela dê boas memórias. Eu conheci antes de tudo a pré-cidade, a além-cidade,

que ainda não ascendera à categoria mais reconhecível de cidade-dormitório. Mas em tudo pode haver beleza: basta que tenha existido.

O descampado das traseiras, onde se fazia a feira de Outubro, já não existe. Em sua vez, casas novas a perder de vista. Entristece-me que a loja de noivas já não exista. Era uma loja de rés-do-chão e cave que cheirava a bafio, com provadores em ambos os pisos alcatifados, resguardados por cortinados opacos e luzes frias no alto dos espelhos deformantes. Além da roupa para casamentos, a loja dispunha de pronto-a-vestir, e era por isso muito frequentada na zona. No meu último ano na Cruz de Pau, a filha da dona da loja de noivas foi minha amiga. Chamava-se Neuza, tinha catorze anos. Eu tinha dez. Apesar da diferença, parecíamos coetâneas, porque, como diziam os meus pais para me consolarem, eu era muito alta e desenvolvida para a minha idade. Havia algumas vantagens nisso. Por ser alta, eu podia olhar a minha amiga nos olhos, estar nivelada com o que ela via. «Desenvolvida» queria dizer que eu tinha tanto peito quanto ela e que podia experimentar as mesmas roupas na loja da mãe.

Por mais voltas que se dê, no princípio há sempre uma amiga para que a identidade se forme na diferença, por meio da comparação. A nossa amizade propiciou-se graças às afinidades morfológicas e à vizinhança. Vivíamos ambas numa zona erma da Cruz de Pau, em que as casas começavam a rarear conforme se avançava no caminho que confluía para o rio. Eu vivia com os meus pais num apartamento com uma sala e dois quartos, um para eles

e outro só para mim. Era um prédio muito pequeno, de dois andares, sem elevador. Sabia-se quem eram todos os vizinhos e a que horas recebiam a família para almoçar aos domingos, ou quando vinha a carrinha buscar alguém para o tratamento hospitalar. Aos dez anos, para mim, ser adulto era ser normal, nem rico nem pobre, morar num prédio e atravessar todos os dias de carro a Ponte 25 de Abril para ir para o trabalho. A casa da Neuza era uma vivenda de dois pisos com seis quartos, dois deles sem janelas, sala de estar com lareira e sala de jantar. Fora construída pelos avós, vindos do Sabugal para a Cruz de Pau no início da década de 1960, vinte anos antes de eu nascer e de os meus pais terem realizado o seu êxodo. A família dela pertencia à casta dos enraizados, fidalguia de subúrbio, com a mãe dona da loja de noivas e o pai veterinário com consultório próprio. Nós éramos os recém-chegados, os forasteiros, os ninguéns.

A casa deles lembrava o campo. Tinha um quintal com limoeiros e nespereiras, e cheirava sempre a lume, mesmo no Verão. Os meus pais não falavam de dinheiro à minha frente, mas eu concluía por vários sinais — o menos rebuscado dos quais era a existência de uma senhora caboverdiana que ia lá a casa cozinhar, limpar e tratar da roupa quase todos os dias — que a família da Neuza vivia muito melhor do que a minha. A casa estava pejada de móveis, louças, tapetes e têxteis, peças decorativas, objectos de aparência antiga de que ainda hoje não sei o nome nem a utilidade. Nós, tudo o que tínhamos viera da Casa Rosa. Coisas novas e inodoras, móveis e bibelôs modestos sobre

os quais não pairava a poalha de uma história de família nem o peso de gerações de haveres.

A mãe da Neuza, Tita, era muito conhecida. Constatava tratar-se de uma das mulheres mais bonitas da Cruz de Pau. Ao lembrá-la, vejo-a como uma versão morena da Delphine Seyrig, a prova de que nem todas as esposas de olhos castanhos são castanhas. Era franzina, com espessos cabelos de uma cor avelanada. Cheirava a sabonete de alfazema com notas de tabaco e um fundo do bafio da Princesa da Moda. A Neuza também era bonita, mas não tinha ainda a elegância de Tita, que não era senão fruto de muito fumo e pouco alimento. O pai era corpulento e calvo. Gostava de frequentar o café com os clientes seus amigos e era muito mais velho do que Tita. A Neuza contara-me que, numa discussão a que assistira pelo buraco da fechadura, ele tinha esmurrado uma parede situada atrás da mãe, para não a esmurrar a ela. Desde que soube disso, cada vez que calhava estar na presença dele, vislumbrava-lhe uma linha esgazeada nos olhos, como se a qualquer momento ele pudesse perder a cabeça e ir parar aos telejornais. Viviam também na casa a avó materna e duas cadelinhas.

Eu sentia que a avó da Neuza me detestava. Nunca se dirigia a mim, mal me olhava, falava com a neta como se eu não estivesse lá. Talvez não gostasse de não poder situar a minha família numa linhagem conhecida; as mães das minhas colegas não andaram na escola com a minha, os meus professores mais velhos não tinham ensinado o meu pai. Ninguém nos podia identificar com nada,

nenhuma posição na comunidade, nenhuma origem. Éramos do ar, não da terra, não do rio. Os três, mãe, pai e criança, anódinos, sem relações boas ou más, sem família à volta, sem empregada de limpeza. Talvez por isso eu tenha imergido tão prontamente na vida da Neuza. Dois era menos solitário do que três.

A minha mãe não gostava que eu me desse com a Neuza, por ela ser mais velha. Eu tinha razões utilitárias para fundamentar a nossa proximidade: frequentávamos a mesma escola C + S, eu no quinto ano e ela no oitavo. Era Tita quem nos levava à escola todos os dias de manhã, num jipe que exalava um odor semelhante ao da loja. Se, na nossa idade, quatro anos de diferença correspondiam a mundos diferentes (estava-me tacitamente vedado, entre outras coisas, usar maquilhagem, depilar as pernas, escolher o meu próprio corte de cabelo ou sair à noite), entre mim e a Neuza confundiam-se as fronteiras entre a infância e a adolescência, que a minha mãe gostaria de poder policiar. Não era eu que conferia ao nosso duo um elemento infantil. A Neuza ainda brincava, gostava de brincar, não com bonecas, mas de brincar a sério, a fazer de conta. Nós fazíamos teatros, fingíamos que éramos secretárias, brincávamos aos médicos. Ela era a médica, eu, a paciente, e tratávamo-nos sempre na terceira pessoa. Eu batia à porta do quarto, ela abria e perguntava-me: «Como está a senhora?» Eu dizia: «Não muito bem, doutora.» Depois, tinha de responder a um extenso inquérito acerca dos meus sintomas, que terminava sempre comigo deitada na cama-marquesa, onde ela

me observava e auscultava o peito com os dedos médio e indicador. As perguntas seguiam-se.

— A senhora dorme bem?

— Sim.

— A senhora come bem?

— Sim.

— A senhora é virgem?

— Não.

Dizia-lhe que não como lhe diria que não sofria de astigmatismo ou que não era asmática. O que queria dizer «virgem», eu não sabia. A Neuza palpava-me a barriga com delicadeza. O diagnóstico devia encontrar-se ali.

— Estou a ver... Muito interessante.

Aquele quarto era um ambiente saturadíssimo. Lá, comíamos bolachas, dançávamos diante do espelho e víamos catálogos de vestidos de noiva, muito mais sofisticados do que os que se expunham nas montras da Princesa da Moda. Ela tinha uma colecção notável de roupas, de sapatos, de tudo. Numa prateleira, perfilavam-se miniaturas de perfumes; noutra, batalhões de bonecos Pinypon. No meu quarto, além dos livros da escola, havia os romances juvenis que eu lia de contínuo, algumas bandas desenhadas, um caixote com Lego, três Barbies. Nunca tive um Ken. A Neuza tinha uma profusão de revistas, de que Tita era assinante. Nós fazíamos os testes das revistas e comparávamos os resultados. Situávamo-nos sempre no topo da escala da magnificência feminina: éramos as raparigas mais dóceis e sedutoras, a mulher ou a namorada ideal, conforme o público-alvo da revista. Líamos os nossos

horóscopos: a Neuza era Touro, eu, Escorpião. Terra e Água, signos opostos e complementares, uma amizade abençoada pelos astros. Uma vez, com o lápis de olhos, sombreámos barba no buço, no queixo e nas faces, para sabermos que aspecto teríamos em homem. Mas a Neuza costumava zelar bem pela minha feminilidade. Pintava-me as unhas e penteava-me com gáudio o cabelo, como se eu fosse uma das suas cadelinhas. Eu fazia-lhe o mesmo. Cada uma era o cão da outra. Eu queria estar sempre com ela, fazer o que ela fazia. A Neuza tinha o cabelo comprido e eu também queria ter o cabelo comprido. Acreditava, todavia, que essa possibilidade me estaria para sempre interdita, como se eu nunca pudesse ser livre de decidir não cortar o meu cabelo.

No quarto dela, além disso, podíamos ser as duas tristes. Era bom sermos tristes juntas, termos algo que lamentar e que quase sempre se relacionava com as imperfeições dos nossos pais. Não creio que a autoridade que a Neuza exercia sobre mim fosse apenas fruto da sua idade. Havia ainda o seu temperamento. Ela dizia tudo o que lhe passava pela cabeça, era violenta, tinha ataques de fúria, por vezes destratava a avó, para quem era a princesinha da casa. Fazia frente ao pai, queria ver até onde ele podia ir sem recorrer à força física. Chegou a ocorrer-me que a buscava. Com a mãe era mais cordata, cúmplice, quase irónica. Presumo que para ela eu fosse inofensiva, uma figurante. Por estarmos em anos diferentes, não competíamos por boas notas, nem havia entre nós sombra de rivalidade feminina. A Neuza tinha uma vida só dela,

que se desenrolava sobretudo na escola, no meio das intrigas da turma, na companhia de um pequeno grupo de amigos que se reunia na garagem ou no sótão de um deles para venerar a trindade secular da adolescência: beber, fumar, beijar-se. Coisas que eu não fazia nem podia fazer.

Mas também eu tinha uma vida secreta, difícil de compreender, impossível de verbalizar, feita de ininterruptas horas de leitura na biblioteca municipal do Seixal e de devaneios de sensualidade precoce. «Já não és uma menina», dizia um panfleto informativo sobre a menstruação, que ofereciam no supermercado na compra de uma embalagem de pensos. Com pêlos, peito e período, eu já não era uma menina. As meninas não precisam de mostrar o bilhete de identidade ao vigilante do parque infantil para provar que têm dez anos e que podem estar ali e andar de baloiço.

Era sábado à tarde, eu tinha ido ao cinema. À porta do centro comercial, esperava o meu pai. Aproximaram-se de mim dois rapazes, um deles muito alto. O outro, eu conhecia de vista, era da turma da Neuza e morava numa praceta não muito afastada da nossa zona. Esse, beneficiando do facto de eu me encontrar fora do ambiente habitual, sem a minha amiga ou um adulto por perto, e alentado talvez pela presença do mais alto, olhou-me e atirou:

— Perna boa.

Não me lembro do que tinha vestido nesse dia. Talvez *jeans*. Como eu não lhe respondi nem dei sinal de pretender mudar de sítio, ele continuou, virando-se para o mais alto:

— Não fala. Ah-ah. É porque sabe que é boa. Ah-ah-ah.

A morsa

«Uma rapariga é um estado de espírito. Sofia buscava as sensações como um girassol seguindo o astro-rei. Para educar uma rapariga, seriam talvez necessárias várias mães: uma para a calçar, outra para a vestir; uma para a alimentar, outra para lhe apontar o bem e o mal; uma para lhe enxugar as lágrimas, outra para lhe afiar as unhas; e uma sétima para a preparar para a guerra.»

De Ana Cláudia Santos pode dizer-se que é a mais clássica, a mais indisciplinada das escritoras portuguesas contemporâneas. Na linhagem de *Lavores de Ana*, este é um livro de histórias que dão voz a personagens em confronto consigo próprias, quase sempre com vidas em desajuste perante as memórias que guardam ou os desejos que atizam. Histórias que traçam uma fronteira indefinível entre inocência e violência, em que a linguagem é parte do corpo habitado pelas personagens, e em que o corpo é voz de um tempo, de uma geografia, de inquietações públicas e privadas.



«Há aqui uma abordagem estranha, um lugar pouco canónico, uma deambulação incerta, um enredo em *sfumato*, uma ironia magoada. [...] Se *A morsa* tem como subtítulo *Contos de inocência e de violência*, a violência raramente é física, e a inocência manifesta-se enquanto perversidade.»

Pedro Mexia, *Expresso*

«As personagens deste livro são raparigas muito problemáticas: só obrigadas é que fazem o que querem; não aceitam nada que lhes queiram dar; mas também não sabem o que conquistar; vivem divididas entre o que se quer delas e o que elas querem.

Algumas têm um caroço de individualidade tão denso que pode ser explosivo, mas nunca chega a explodir.»

Luísa Costa Gomes



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



companhiadasletrasportugal

ISBN: 978-989-589-643-1



9

789895 896431